

ALFABETIZAÇÃO: PERSPECTIVA PIAGETIANA*

Geraldina Porto WITTER
PUCCAMP

A preocupação de seguidores de Piaget com as questões relativas ao processo de alfabetização é relativamente recente na longa e produtiva história desta área de pesquisa. Todavia, tem surgido uma farta bibliografia, notadamente em espanhol e português, onde a liderança é de Ferreiro (anos 80).

O livro aqui resenhado é uma obra que se encaixa neste contexto teórico e compreende sete capítulos além de um prefácio sucinto em que Duckworth apresenta a obra, lembrando quão poderosa é a inteligência na construção e compreensão do mundo pela criança, no enfoque piagetiano.

O primeiro capítulo é de autoria de Goodman e trata do como as crianças inventam a escrita, remonta aos trabalhos de Iredell, nos EEUU, no final do século

(*) GOODMAN, Y.M. (org.) How children construct literacy: piagetian perspectives. Newark (Del.): IRA, 1990, 127p.

passado, passa pelos autores dos anos 20 e 30 (Vygotsky, Gesell, Hildreth e Legrun) até chegar a proposições mais recentes do próprio Vygotsky e de Piaget, pinçando dos vários autores elementos esparsos até a busca das questões com as quais os piagetianos envolvidos com alfabetização, seguindo a liderança de Ferreiro, vêm se ocupando. Fecha seu capítulo com uma apresentação dos capítulos subseqüentes.

O segundo capítulo é de Ferreiro e é uma síntese da concepção psicogenética de alfabetização. Trata-se de uma síntese didática de seus trabalhos anteriores.

Landsman apresenta algumas reflexões e exemplos da teoria tendo por foco o sistema hebreu de escrita, sendo sua análise baseada na observação de 42 crianças entre três e cinco anos e meio e outros casos individuais esparsos.

Teberosky, a qual vem trabalhando com Ferreiro há longo tempo, assumiu a responsabilidade pelo capítulo seguinte no qual faz uma síntese sobre a escrita da criança e suas relações com a situação de aprendizagem. Todavia, sem nenhum acréscimo às publicações anteriores.

Pentecorvo e Zucchermaglio descrevem os resultados de sua pesquisa com crianças de cinco e seis anos em termos de alfabetização em italiano, com análise percentual e qualitativa. Enfocam questões curriculares e recorrem a procedimentos e dados de outros enfoques. Apresentam longos exemplos descritivos de desempenhos de crianças, mas não aprofundam as relações sociais e pedagógicas que o título do capítulo

faz pressupor. Porém é o único capítulo que traz alguma novidade para os que já estão informados sobre a teoria em tela.

O sexto capítulo é de autoria de uma brasileira (Grossi) e descreve algumas aplicações dos princípios psicogenéticos na alfabetização de crianças brasileiras.

Goodman fecha a obra, assinando o breve capítulo final, relacionando o conhecimento da criança com o ambiente de sala de aula e o currículo, bem como, apontando algumas perspectivas de pesquisa. Tudo muito superficial e sem qualquer novidade quer para os já enfronhados com a sua teoria ou muitas outras que se ocupam com a problemática da alfabetização.

De um modo geral, a leitura do livro é facilitada pelo aspecto didático e nível dos vários capítulos. Todavia o leitor que já milita ou conhece razoavelmente as propostas de Ferreiro não encontrará nele novidades, apenas sínteses de informações e postulados já conhecidos; às vezes, alguma sedimentação de informação ou réplica. Não traz avanços mas exemplos de um conhecimento instituído. Como texto de iniciação e exemplificação pode ser de alguma utilidade em cursos destinados a professores e a alunos de graduação que não tenham no inglês uma barreira para se informar.